

# ACADÊMICO

DISTRIBUIÇÃO  
GRATUITA

jornal catarinense de cultura | ANO IV - Nº 44 - MAIO DE 1979 - BLUMENAU SC

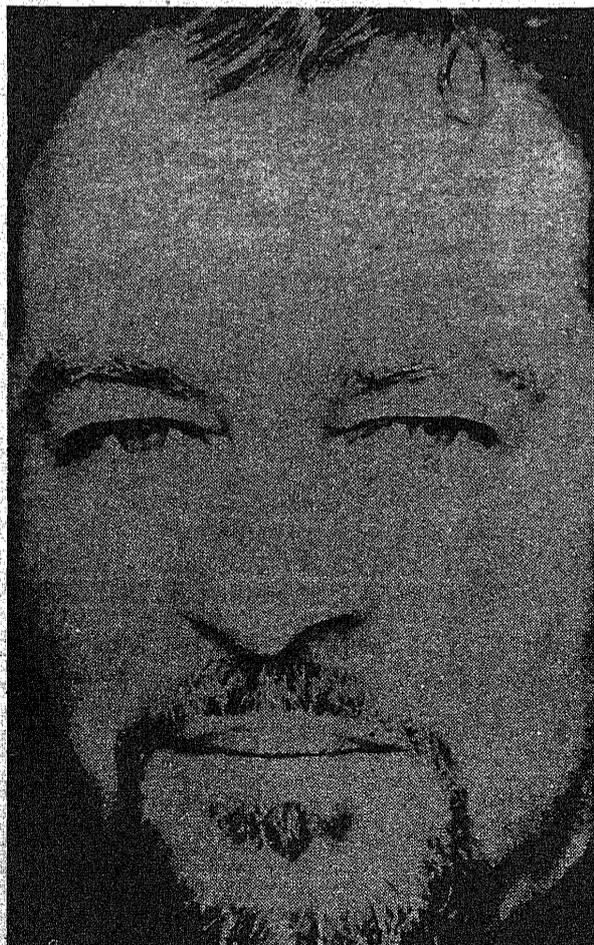
## SILVIO BACK: O CINEMA CATARINENSE PARA O MUNDO



Silvio Back  
Na filmagem de  
Aleluia Gretchen  
em Blumenau

O conhecido cineasta brasileiro Silvio Back esteve em Blumenau por ocasião do lançamento do seu filme: ALELUIA GRETCHEN com algumas cenas rodadas em sua terra natal. Nessa ocasião o Acadêmico conseguiu em uma entrevista captar o depoimento significativo desse cineasta catarinense de renome mundial (com exclusividade, pág. 6 e 7)

## CARLOS RONALD



Um dos expoentes da poesia catarinense, Carlos Ronald — autor de inúmeros livros no gênero, inaugura uma nova seção no jornal: O Autor e a Obra. Na página literária n.º 5.

V ENCONTRO  
DE  
AUTORES  
CATARINENSES  
SERÁ  
EM  
BLUMENAU

a organização  
será do J.  
Acadêmico, Ed.  
Acadêmica e dos  
autores novos. Os  
detalhes serão dados  
no próximo n.º  
do jornal.



SE  
VOCÊ  
NÃO  
GOSTAR  
NÓS LHE  
DEVOLVEMOS  
O DINHEIRO

Lançado dia 11 de maio por ocasião do 15.º Aniversário da FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau, o livro denominado: OS CONTOS DA FURB reúne 15 autores premiados em três concursos de Contos promovidos pelo Departamento de Cultura daquela Instituição.

O livro é produto de uma nova filosofia que vem sendo implantada com o trabalho da Editora Acadêmica (fundada em abril desse ano em Blumenau) e que procura tornar o livro — além dos atributos comuns já conhecidos — de leitura, para servir de calços para as portas, peso para papéis, objeto para se atirar em alguém, enfeite de nichos dentro de residências, etc... A editora Acadêmica, pelo primor com que trata suas edições, traz e desperta a atenção para o livro objeto de arte — cuidando — desde a capa, diagramação ao essencial — qualidade de textos.

O livro — Os Contos da Furb, salvo alguns absurdos está muito bom. 93% excelente... os outros 7% são resquícios de falhas — ditas comuns — para a crítica mesquinha se apegar...

### NÓS LANÇAMOS O DESAFIO

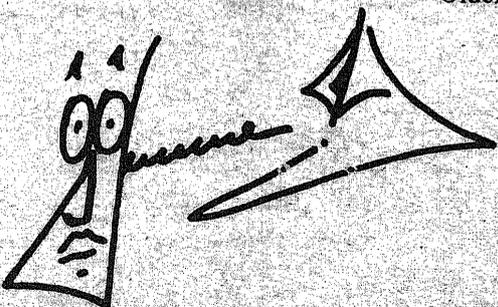
Você pode mandar buscar um exemplar (a preço de banana) e ler o dito livro, se não gostar, devolva à Editora Acadêmica e terá o seu dinheiro de volta.

Não custa tentar... o endereço é — Caixa Postal 1124 — 89.100 — Blumenau — Sta. Catarina.

Com Cr\$ 80.00 pratas você pode mandar um vale postal e nós lhe remetemos o livro.

Eu me responsabilizo por esses excessos.

Oldemar Olsen Jr.



## EXPEDIENTE ACADEMICO

Jornal Catarinense de Cultura e Órgão de Divulgação do Diretório Central dos Estudantes de Blumenau (DCE).

Endereço - Rua Antônio da Veiga, 140 - Caixa Postal 1124 - 89.100 - Blumenau - Sta. Catarina - Brasil

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pelas Parkes Pen do Brasil em todo o território nacional.

### Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.  
Maria Odete O. Olsen  
Domingos Sávio Nunes  
Roberto Diniz Saut  
Fred Richter

José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, à polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

Editor e diretor responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete Onório Olsen, Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

Desenho e Arte — Silvio Braga (Magru), Otto (Frietz)

Colaboradores — Blumenau — Lindolf Bell,

Gervásio Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radke, Beatriz Niemeyer, Vilson do Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins.

Florianópolis — Pinheiro Neto, Lauro Junkes, Carlos Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisani, Emanuel Medeiros Vieira, Odir Nascimento, Celestino Sachet, Glauco Rodrigues Correa.

Joinville — Carlos Adauto Vieira, Alcides Bus.

Campos Novos — Artêmio Zanon.

Brusque — Inês Mafra, Luiz.

Chapecó — Marcos Antônio Bedin.

Lages — Wilson Antunes Junior.

São Paulo — Ignácio de Loyola Brandão, Péricles Prade, Plínio Marcos.

Rio de Janeiro — João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira, Moacir Félix.

México — Raimundo Caruso.

Estados Unidos — Teresinha Pereira.

Porto Alegre — Antônio Hohlfeldt, Marcelo Rech.

Curitiba — Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.

Londrina — Domingos Pellegrini Junior.

Jaraguá do Sul — Augusto Silvio Prodóhl.

## Cartas-cartas-cartas-cartas-cartas-cartas

Brusque, 31 de março de 1979

Senhor Editor:

O motivo desta é relatar um caso triste que angustia minha família. Há muito que minha mãe, meu pai, meus irmãos, todos nós da família, vivemos momentos de aflição e espera, aguardando alguma informação sobre o paradeiro de meu irmão INÁCIO DA SILVA MAFRA, nascido em Brusque a 25 de setembro de 1947.

Ele estudou durante vários anos no Seminário de Azambuja, nesta cidade, prosseguindo seus estudos de seminarista em Curitiba até 1968, época em que participou do congresso da UNE em Ibiúna. Devido à sua par-

ticipação neste congresso, ficou impossibilitado de continuar seus estudos no Seminário, apesar de ter feito várias tentativas de reingressar no mesmo Seminário.

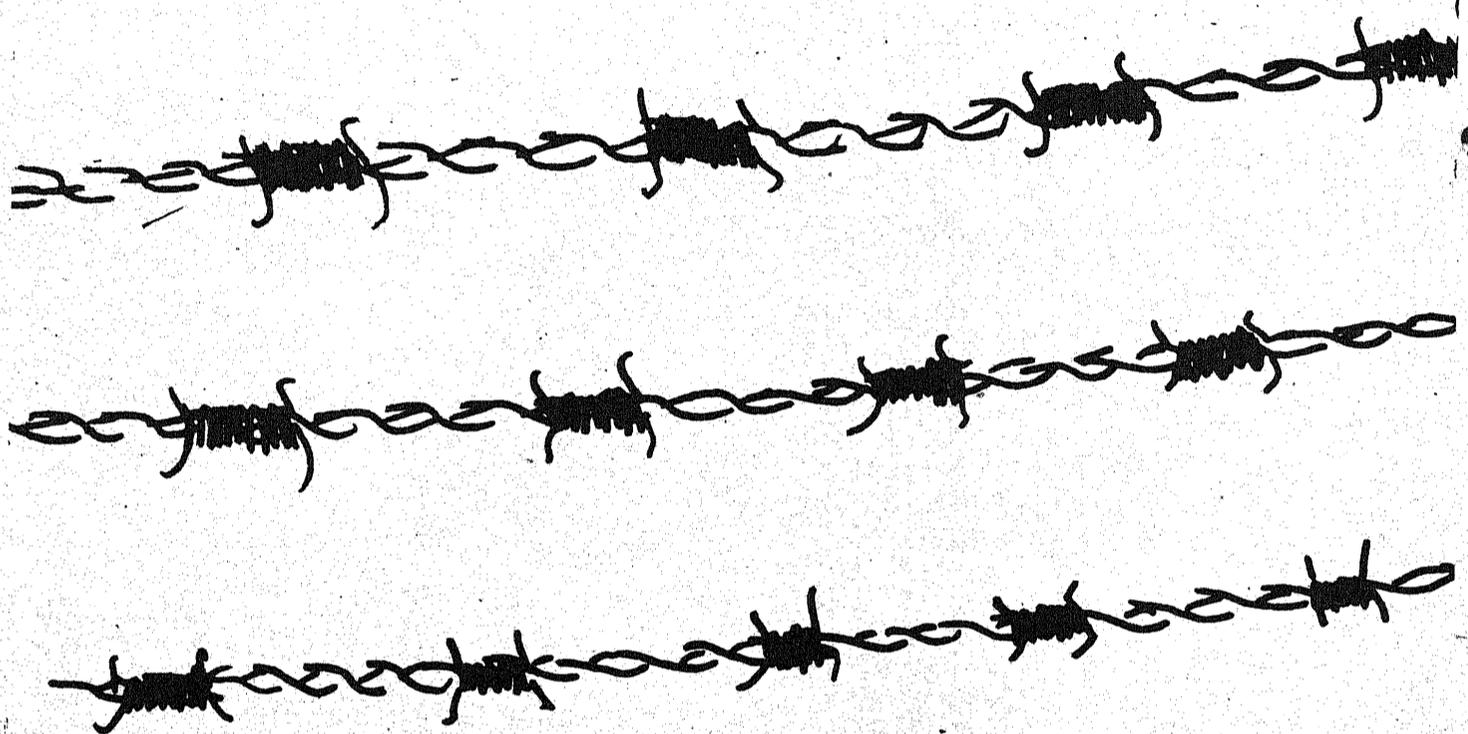
Depois passou a morar e trabalhar em Porto Alegre, onde em 1970 foi preso e torturado. Sobre a prisão nenhum comunicado foi feito à minha família, que se desesperava com a falta de notícias e com a parada brusca e inexplicável de suas cartas. Em 1971, por intervenção do arcebispo de Florianópolis D. Afonso Niehues e do cardeal de Porto Alegre D. Vicente Scherer, foi libertado da Ilha Presídio em Porto Alegre, onde se en-

contrava detido. No ano letivo de 1973, concluiu o curso de Bacharel em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

De 1973 até agosto de 1976, recebemos algumas notícias e cartas, sendo que após essa última data nada mais soubemos sobre sua pessoa.

Solicito que divulguem esta carta e auxiliem nossa família a esclarecer o desaparecimento de meu irmão Inácio da Silva Mafra, remetendo qualquer informação para a Caixa Postal 250, Brusque, Santa Catarina (CEP 88350).

Atenciosamente,  
Inês da Silva Mafra



Sr. Diretor

Para o bem da verdade e da clareza na batalha da cultura, peço ou através da presente correspondência ou por nota neste conceituado jornal cultural, informar o seguinte:

1 - o livro de Maria Eulália Ratke, denominado **ESPIRAL**, não se encontra em nenhuma gaveta do Conselho Estadual de Cultura ao, supostamente, descaso, conforme entrevistas declarações da autora acima no número anterior;

2 - a autora foi por mim, pessoalmente, informada, que sua obra me-

recera o respeito de todo o plenário do Conselho Estadual de Cultura, após análise e ponderação da prof. Sílvia Amélia Cunha, da Câmara de Letras, em fins de 1978;

3 - em vista das qualidades do seu livro, o mesmo foi aprovado;

4 - a autora em correspondência à Conselheira acima citada documenta por escrito sua alegria e gratidão pelo acolhimento da obra em data bem anterior, à da entrevista concedida;

5 - a autora soube desde a aprovação e muito antes que o Conselho Estadual de Cultura não é órgão execu-

tor mas planejador de cultura;

6 - e que em razão do último item, repito, a autora receberá qualquer informação sobre o andamento da impressão de seu livro através da Fundação Catarinense de Cultura, órgão executor dos planos culturais em nosso estado.

Certo de sua acolhida, subscrevo-me com as Saudações Culturais e o abraço fraterno.

Lindolf Bell  
Presidente da Câmara de Artes  
Conselho Estadual de Cultura de SC



# FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

# A REPORTAGEM DEFINITIVA SOBRE O CASO ARACELI

Vitória, 18 de maio de 1973: a menina Araceli Cabrera Sanches, 8 anos e meio de idade, sai mais cedo da escola onde faz o curso primário, a pedido de sua mãe, dona Lola, e autorizada pela diretora do estabelecimento. O percurso entre a escola e a casa onde Araceli mora com sua família é feito de ônibus e a garota tem o costume de voltar para casa sozinha. Nesse dia, entretanto, Araceli sai da escola e não retorna à sua casa. No caminho, é raptada e, após seis dias, seu corpo é encontrado atrás do Hospital Infantil, horrivelmente desfigurado. Araceli fora sequestrada, drogada, espancada, assassinada e imersa em ácido. A opinião pública brasileira começou, a partir daí, a viver os dias do intrincado "Caso Araceli".

No princípio, parecia ser apenas mais um desses monstruosos episódios policiais que só servem para aumentar as vendas de jornais sensacionalistas. Mas, na sequência das investigações, o crime acabou se transformando no maior escândalo policial do Brasil contemporâneo. O assassinato de Araceli ultrapassou os limites de um simples caso de enfoque puramente policial. Nele misturam-se alguns dos mais combatidos males modernos: tóxicos, desagregação da família, tara sexual, impiedade, tráfico de influência, acobertamento da verdade, pressões, ameaças, corrupção, interesses políticos. E muito medo, sobretudo em vista de acidentes e mortes estranhas, mas sempre providenciais, que aconteceram no curso das investigações.

Até candidaturas políticas surgiram, de pessoas que conseguiram alguma projeção no Espírito Santo, graças à morte de Araceli. Mas só agora, cinco anos e meio depois do assassinato da menina, começa a se fazer luz sobre o caso. Os 24 volumes — com um total de 4.800 páginas — que compõem o processo, atualmente trancados num cofre, terão de ser reabertos. Com a prisão de dona Lola Cabrera, mãe de Araceli, por ter mantido em cárcere privado e sequestrado a menor Tereza Rivera Banequin, que trouxe da Bolívia ilegalmente, e as declarações que prestou a polícia civil do Espírito Santo, novos dados foram trazidos à tona, fazendo aflorar a verdade que a todo custo se tentou silenciar.

Os assassinos de Araceli foram denunciados formalmente por dona Lola, que, com sua denúncia, mostrou ser, também, cúmplice do crime horrendo. Quando se viu presa e desamparada, fora do alcance dos que, com sua proteção, garantiam a impunidade do seu silêncio, a mãe da menina falou: Jorge, Dante e Dantinho, os três da família Michelini, e Paulo Helal — gente importante na sociedade de Vitória — haviam matado sua filha. No desespero de sua confissão, dona Lola advertia: "vou ser presa mais vou levar muita gente comigo". Dona Lola mantinha contatos com a família Michelini — coisa que sempre foi antes — inclusive tendo se relacionado com Jorge Michelini, um dos assassinos. Isso não quer dizer que ela tenha matado a sua própria filha mas indica que, pelo menos, durante esses cinco anos e meio, acobertou a impunidade dos culpados.

A verdade é que dona Lola, os Michelini e Helal, sem falar numa série de outros personagens anônimos e a própria Araceli — ao que parece inocentemente — forma-

vam uma rede de tráfico de Tóxicos em Vitória, especializada em cocaína e festas de embalo. Tudo à disposição de gente muito influente e endinheirada que chegou, inclusive, a "ajudar" a polícia nas investigações. Essa "ajuda" resultou em todo o tipo de obstruções à revelação da verdade, que variaram entre o simples sumiço de filmes e provas materiais da instrução às ameaças a testemunhas para que não revelassem o que sabiam. Uma ação eficiente dos que procuravam gozar a impunidade do seu crime, porque, se dona Lola não tivesse falado, até hoje o "Caso Araceli" seria considerado "definitivamente encerrado", com todos os culpados em liberdade.

## JUSTIÇA DIVINA

Gabriel Crespo Sanchez, pai de Araceli, hoje com 51 anos, também acusa os Michelini e Paulo Helal do assassinato de sua filha. E indiretamente a sua ex-mulher, Lola Cabrera, "causadora da desgraça em que perdeu a vida sua filha de 8 anos e meio



Araceli: uma reportagem sobre corrupção e violência

de idade". Mas não acredita mais que a justiça dos homens possa fazer alguma coisa para dar repouso à memória de Araceli. "É que o dinheiro dos poderosos tudo compra, até a consciência das pessoas, tornando a sociedade corrupta por acatar de braços abertos a própria corrupção". Mas espera pela Justiça Divina, "que atinge quem não tem consciência limpa". E diante das novas revelações sobre o caso, vai constituir advogado no Rio de Janeiro para acompanhar todo o final do "Caso Araceli" na Justiça.

Com as novas revelações de dona Lola e a mudança de feições do caso, ninguém sabe prever, ainda, o que haverá de novo a vir à tona daqui por diante. Carlos Alberto Luppi, repórter da Folha de S. Paulo (SP) foi quem conseguiu "arrancar" a verdade de dona Lola, mais de 5 anos depois do assassinato e preparou a reportagem Araceli — corrupção em sociedade, que é o terceiro volume da série "História Imediata", da Editora Alfa-Omega, lançada para que fique registrada a verdadeira história de Araceli com a revelação dos nomes

dos culpados e de seus crimes. O mistério está desvendado após cinco anos e meio "de trabalho duro", para que a verdade possa surgir. Agora, diz ele, a Justiça deve ter a palavra diante das evidências.

## CORRUPÇÃO DE ALTO NÍVEL

O aspecto importante do lançamento de Araceli — corrupção em sociedade transcende ao ineditismo das revelações de Luppi e à reviravolta que o trabalho daquele repórter deu a seqüência do processo judicial sobre o crime. O fato é que a reportagem é muito mais que um simples texto de jornalismo policial: trata-se de uma denúncia, ampla e com todas as letras, da corrupção vigente em nosso país em todos os meios mas, principalmente, entre a "gente bem". Todas as irregularidades que se pode imaginar foram cometidas no caso Araceli: assassinos, milionários, traficantes, toxicômanos e tarados sexuais se reuniram num ritual macabro e, protegidos pelo seu poder econômico e político, fizeram e desfizeram, transformando um processo judicial numa farsa grosseira, num total desrespeito à lei.

E é a denúncia dessa corrupção, da violência e do marginalismo que se esconde até nos meios mais prósperos da nossa sociedade, que tem o mérito maior de vitalizar a reportagem de Carlos Alberto Luppi. Pois é essa mesma corrupção que faz com que muitas pessoas que "sabem" estejam até agora caladas; foi ela que transformou Gabriel Sanchez num homem que se isola do mundo e desiludido de tudo e de todos; é a corrupção de alto nível que permitiu que os principais implicados no crime tivessem acesso às provas processuais, destruindo-as e confundindo a ação da Justiça; é essa mesma corrupção a responsável por, pelo menos, uma dezena de outros casos semelhantes — com violência, tóxicos, tara sexual e envolvimento de gente importante — até hoje sem solução.

O livro apresenta um levantamento detalhado e completo sobre o "Caso Araceli", trazendo as versões oficiais, as declarações dos peritos e das testemunhas envolvidas, uma análise profunda de todos os dados recolhidos, pela imprensa e pelas autoridades, até hoje. Traz também duas entrevistas com dona Lola Cabrera, a "Dália Negra", numa das quais ela confessa o seu envolvimento com os assassinos da filha e os denuncia formalmente às autoridades policiais. Além disso, reproduz uma longa entrevista com Gabriel Sanchez, pai de Araceli, com novas e importantes revelações. O livro é ilustrado com farto material fotográfico, extraído do processo judicial e dos arquivos do autor. Seu lançamento é oportuníssimo e, certamente, marcará época como livro-reportagem, pela imensa importância social que tem, como documento atuante de ação sobre a realidade brasileira e sua história recente.

FICHA TÉCNICA: 1 - Araceli - corrupção em sociedade, 80 pp., História Imediata, vol. 3, Editora Alfa-Omega, S. Paulo, 1979. CR\$ 45,00 - formato 19x28cm. Distribuição Editora Abril.  
2 - Edição de texto: Carlos Alberto Luppi  
3 - Prefácio - Boris Kasso e Odon Pereira  
4 - Capa - Vera Altemburg  
5 - Revisão - Mineo Takatama  
6 - Fotos - arquivos do autor  
7 - Lançamento em todas as bancas do Brasil - 16/05/79

## A CONSCIÊNCIA DE UM POETA

Oldemar Olsen Jr.

Se busco os fatos pequenos nos subúrbios, salientam que estou preocupando-me com uma coisa à-toa.

Se embrenho-me nos ditos: problemas grandes; me contestam porque, os pequenos acontecimentos é que trazem os maiores benefícios.

Se procuro conhecer as pessoas, convivendo com elas, participando de suas reuniões; repetem que um poeta deve ser um homem solitário, preocupado com suas introspecções.

Se, ponderando no caso, concluo que eles podem estar certos e retiro-me do convívio social, sou chamado de misantropo e de maluco.

Quando, ainda indeciso, procuro mais uma vez acertar; apostam que não tenho iniciativa e que sou um ergófobo ou um moleirão.

Se me proponho a melhorar, empenhando-me de corpo e alma

Evidentemente nossa época não é a da poesia, muito embora sempre haja um lugar para ela. Sozinho fiz muito pouco e posso concluir que ainda falta muito. Mesmo assim, nada teria sido possível sem uma pequena ajuda de meus amigos.

Observe o que pensam do que faço e ainda, o que faço para que eles continuem pensando:

Se colaboro com jornais de fora, dizem que pretendo aparecer.

Se deixo de colaborar, afirmam que não quero nada com nada e sou um acomodado.

Se permaneço em casa trabalhando dia e noite; pregam que estou perdendo tempo e que a literatura não me vai trazer benefícios.

Se monto um esquema de trabalho e cumpro-o a risca, creem que sou bitolado e escravo do horário.

Se procuro inspirar-me no dia-a-dia, observando a realidade que me circunda; argumentam que ins-



nessas dúvidas, sou masoquista e não sei viver.

Quando começo a viver, divertindo-me e esquecendo um pouco o trabalho, dizem que sou extremista e preciso ser mais flexível.

Se, num esforço inaudito, consigo conciliar o trabalho, lazer e preocupações, juram que estou perdido e não tenho mais remédio.

Quando paro para pensar, sentem que não sei o que quero.

Quando faço o que sei, mostrando o que quero, acrescentam que estou na profissão errada.

E, finalmente, quando resolvo argumentar; afirmando que estou farto de ser alvo de repressões; que estou cansado de colaborar com uma sociedade injusta e que, também tenciono furtar-me às críticas; eles ainda ponderam: "MAS TAMBÉM VOCÊ NÃO FAZ NADA!"

piração já era e que o negócio é por o cérebro para funcionar e criar.

Quando me esforço por fazer, dando tudo de mim para amenizar essa vida conturbada, dizem que estou é tentando criar caso.

Se falo de quem está bem, pensam que estou puxando o saco.

Se denuncio as injustiças e a exploração dos menos favorecidos, dizem que ambiciono faturar em cima da pobreza.

Se falo do que está errado, me aconselham a não me envolver em encrencas.

Se comento o que me parece acertado; grande coisa, todos já sabiam.

Se brigo com o fulano, porque suponho que ele está monopolizando, garantem que não vou salvar o mundo.

Se deixo as coisas acontecerem, sou alienado e não enxergo um elefante a um palmo do nariz.

Pedro Cascaes

## FURB: ALUNO SACRIFICADO

Já é fato sabido, que, o estudante que cursa alguma faculdade se quiser transformar-se em um bom profissional, é necessário que dedique a maior parte de suas horas úteis no desenvolvimento, no aprimoramento do curso escolhido que o tornará mais tarde um profissional atuante. E que, paralelo a isso os seus preparadores, seus mestres, dediquem a maior parte de suas horas úteis no desenvolvimento, no aprimoramento de seus discípulos.

Acontece que no primeiro caso, pelo menos no que se refere ao pessoal do curso noturno, não existem condições de se dedicarem integralmente ao seu curso, visto que na maioria das vezes tem que trabalhar para se sustentar. E como o trabalho ocupa cerca de oito horas diárias, e que a faculdade mais quatro, fica difícil realmente que seu aproveitamento chegue sequer perto do ideal.

Mas o problema não cessa aí. Os profes-

imense trabalho que tinha pela frente. Ora, é quase uma piada acreditar que ele vá corrigir todos os trabalhos um por um. Qual vai ser o critério de nota então? Vai jogar o trabalho para cima, se cair para a esquerda tira abaixo de sete, se cair para a direita tira acima de sete e se cair de pé tira nota máxima. Ou então ele vai verificar o nome dos alunos e divide, de um lado os que gosta, do outro os que não gosta, nota boa para o primeiro, nota ruim para o segundo. É uma maneira. Injusta, mas é uma maneira. Agora é lógico que os professores não agem assim, é muito baixo.

Ainda com o professor Milton Pompeu, ele nos disse que professores ganhando mal é uma característica de países subdesenvolvidos.

Mas aí alguém vai dizer: Espanha, França e Itália são países desenvolvidos e também enfrentam os mesmos problemas de remuneração baixa para com os mes-

ANTES DE SEREM ADMITIDOS,  
OS PROFESSORES DEVERIAM,  
PASSAR POR UM TESTE  
DE Q.I.



ISSO EVITARIA QUE O  
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO VÁ  
A EXAME POR QUE NÃO ENTREGOU  
SEU CADERNO PARA SER AVALIADO  
PELA PROFESSORA!



sores que deveriam se dedicar integralmente ao seu curso, aos seus alunos, exercem as suas funções ou como bico, ou como atividade política (tornar-se conhecido, praticar discursos) ou então por um amor muito grande a nossa juventude (exceções raras, mas que por incrível que pareça a grande maioria justifica assim a sua posição).

Mas não é para menos. Oito aulas por mês, mais correções de trabalhos, preparação das aulas, provas, burocracia interna e ganhar Cr\$ 1.900,00, realmente não tem condições, é um salário de fome.

Há dias atrás, conversando a respeito do problema, com o professor Milton Pompeu, isso em sala de aula, ele nos disse que só na turma de engenharia tinha para corrigir mais de oitocentos trabalhos, fora os nossos que são de turma de economia e talvez de mais algumas turmas. E nos disse também que nessa época se via obrigado a restringir ou mesmo cessar as suas outras atividades profissionais para realizar o

E outro alguém diz, deve ser problema de países com origens latinas, já que o mesmo parece se repetir a todos.

Mas aí eu digo, deve ser algo relacionado com o reitor, com a administração. Quem sabe eles não dêem importância aos alunos, ou não tenham capacidade administrativa para angariar fundos ou considerarem mais importante a quantidade em detrimento da qualidade.

Eu particularmente, acredito que não seja objetivo da reitoria sacrificar ainda mais o aluno do que já está, já que esta tem consciência dos péssimos profissionais que a Furb vem formando a cada ano. E acredito também que o nosso reitor gosta da gente, e portanto vai estudar atentamente o problema, nos possibilitando melhores professores ou então maior dedicação dos atuais.

Se não for assim eu acho que nós vamos ter que dar um jeito de arrumar um outro reitor. Um que goste da gente.

## ARTE

Lindolf Bell

## ARTE NAS FÁBRICAS: UMA CONQUISTA HUMANA

Não se trata de falar das óbvias condições que impossibilitam o contato operário com a arte em geral. E isto a partir da própria torre-de-marfim onde a arte foi encaixada pelas classes dominantes, com sua gradativa eliminação de edifícios públicos, e particulares, praças, igrejas, estádios, espaços onde em outras civilizações teve sempre lugar de destaque.

Em Santa Catarina existe uma volta à antiga idéia da arte para consumo público. Mas é uma volta, também, gradativa, como de resto em toda a América-Latina. Onde outros problemas de sobrevivência física se multiplicam, num processo de aflição e degradação do homem, incapaz a maioria das vezes de conscientizar-se do próprio destino espiritual. Destino revelável através da arte, instrumento de necessária e urgente comunicação do homem com as suas raízes mais verdadeiras.

Em Blumenau, o primeiro passo para uma cidade mais humanizada pela arte em áreas públicas, foi aceita pela administração Renato Vianna.

A colocação de esculturas em praça pública, não só justificam a cidade como um pólo de iniciativas culturais à altura de seus primeiros habitantes (não falo em tradição, porque tradição tornou-se aqui sinônimo de mola propulsora para atrair o turismo, a maioria das vezes num esquema tão artificial que não resiste a menor análise ética nem estética), bem como oferece à comunidade mais uma opção na rede de acontecimentos onde se ligam o trabalho do grupo teatral Vira-Lata, os poemas de autores locais lidos e expostos em painéis, embora não com a intensidade desejada, nas manhãs de domingo, as crianças e suas atividades criativas, e, o próprio encontro entre as pessoas no Calçadão — cenário sempre de inesperados gestos, reconhecimentos e acontecimentos.

II

A exposição de arte e poesia na Tecelagem Kuennrich, reveste-se de um significado tão importante quanto a da arte em praça pública.



Manequim Pintado  
de Alberto Luz



Freyra Gross e  
Fruteira de Cerâmica

O que se deu com esta primeira exposição de artistas profissionais dentro de uma fábrica, foi a conquista de uma nova praça. Diga-se, praça aparentemente inconquistável, por ser de propriedade particular, propriedade destinada a uma atividade onde o produto espiritual tem pouca ou nenhuma condição de participar. E, sobretudo, da idéia mais ou menos generalizada e deformada sobre artistas em geral e pessoas ligadas às atividades culturais, também em certos setores empresariais.

A ousada exposição na TEKA é, igualmente, a concreção de velho ditado, há quinze anos exercido pelo movimento da Catequese Poética, que ensina: Se Maomé não vai à montanha, leve-se a montanha a Maomé.

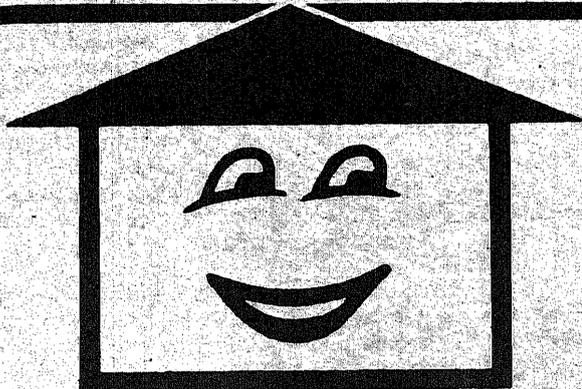
Porque Maomé vai tão pouco ou nada às artes em nossa comunidade barriga-verde, é assunto de responsabilidade geral. Será o operário sem a vivência necessária? E os demais cidadãos, estudantes, profissionais liberais? Defeitos de educação familiar? Deficiência de currículos escolares? Alienação dos responsáveis pela cultura? Auto-endeusamento dos artistas? Ganância econômica do sistema?

Durante quase duas semanas cerca de dois mil operários transitam no espaço dedicado à exposição, o mesmo espaço destinado ao refeitório. Fora este contacto impossível de evitar, a exposição se fundamenta na esperança da direção da empresa, do seu departamento artístico e pessoas envolvidas na organização, num possível despertar de talentos aguardando uma provocação, um desafio criativo.

Defrontando-se com os poemas, pinturas, esculturas, objetos, desenhos, cerâmicas, dois mil consumidores em potencial se indagam o significado desta arte e o significado desta aproximação dos artistas e suas obras.

Um público de repente exercendo sua ótica sensível, a imensa maioria pela primeira vez, valorizando obras de Lygia Roussenq Neves, Alberto Luz, Elke Bell, Rosi Darius, Edla Pfau, Ralf Kaesemödel, Reynaldo Wilmar Pfau, Maria Edite Poerner, Guido Heuer e lendo poemas de José Roberto Rodrigues, Beatriz Niemeyer, Eulália Maria Radtke, Marcos Konder Reis, José Endoença Martins, Lindolf Bell e outros. Uma experiência gratificante para os artistas. Enriquecedora para os operários, digna de exemplo para diretorias de outras organizações fabris.

Ainda a dignidade humana pode manter a chama acesa. Esta promoção de cultura é exemplo vivo.



# NA ALEGRE JARAQUÁ DO SUL, NÃO PODIA FALTAR O SORRISO DO PROBST.

# PROBST

**LITERATURA**

**LOUCA**

**TERESINHA PEREIRA  
 COLORADO-USA**

Estou buscando uma pechincha  
 um trato com o diabo!  
 sei que já se tentou fazer  
 e muita gente foi  
 por ele enganada  
 engarrafada  
 e desnorteada.

Os mesmos e perigosos  
 lugares-comuns da vida!  
 Mas minha decisão  
 é inabalável  
 insuportável  
 irreparável.

Espero-o portanto  
 na porta da rua  
 com espanto nos olhos  
 preparada para ficar  
 loucamente louca  
 de enlouquecer  
 aloucando louquinha  
 de loucura louca...

**ESTA SANIDADE  
 MALUCA**

**ARTEMICO ZANON  
 CAMPOS NOVOS-SC**

Que somos como deuses é verdade,  
 embora humanos, todos nós sabemos;  
 contudo, dúvidas profundas temos  
 como surgiu a própria humanidade...  
 ... e nos julgamos reis da imensidade  
 devido à inteligência, certos, cremos!  
 Tal como os outros seres nós vivemos  
 gerando nossa espécie em liberdade!...

E nesse afã que é aceitação, que é luta  
 — autores, vítimas de cruéis engodos! —  
 nossa ambição nos cega na labuta.

É hora! pois, pelos mais diversos modos  
 que, com nossa consciência resoluto,  
 de uma vez, se preserve o que é de todos!

**Obs.:** ao ensejo da Campanha da Fraternidade o autor se permite oferecer esta participação ao Monsenhor Agenor Neves Marques, um verdadeiro sobrevivente, no meu entender.

**“PRESERVE O QUE É  
 DE TODOS”**

**DOMINGOS SÁVIO NUNES  
 CAMPINAS-SP**

As palavras, ocas,  
 e gritantes os gestos.  
 A vontade, guiada,  
 e dos outros a idéia.  
 Os objetivos, avessos,  
 e murchos os louros.  
 O amor, verdadeiro,  
 com adjetivos pastosos,  
 com aditivos falsários.

Ah! Como me ajudavam minhas lentes!  
 Não sei mais ver a liberdade  
 das calças azuis e desbotadas,  
 das cadernetas de poupança,  
 das bicicletas com amor,  
 das outras e outras e outras  
 que nem sei mais...  
 Céus! Sou um cego, um doente, um cansado!  
 Que sorte!  
 Viva a minha velhice!  
 Viva a minha burrice!  
 Viva o obtuso de mim!

Culpa e inocência,  
 ingenuidade e safadeza,  
 história e memória,  
 hombridade e vileza,  
 plenitude e vazio;  
 tudo perfilado na azeda continência  
 da ordem unida mundial nacional local.  
 Estamos todos cheios,  
 satisfartos,  
 gordos,  
 estourando de vazio.

**VIAGEM  
 LOUCA**

**INÉS MAFRA  
 BRUSQUE-SC**

De manhã ele partia para uma viagem louca. Ninguém lhe acenava de uma possível janela. Partia meio dormindo, meio acordado, nem triste, nem alegre, assim como se fosse um anjo clandestino. Uma boina azul desde a infância pousada na sua cabeça. Que era delicada, frágil demais, cabeça de criança marcada. Será que ele, algum dia, suspeitou... das desgraças que esperam esse tipo de criança?

Tomou o primeiro ônibus. E quando o rapaz perguntou-lhe até onde ia não soube o que responder. Ficava pensando em nomes como: Brusque, Lages, Urubici, Guabiruba, Laguna, Florianópolis, Jaguaruna, Itapiranga, Blumenau, São Francisco... de repente via mar e céu de puro azul, de repente via vales, vacas pastando, água correndo de fontes frias, árvores antigas e casinhas de madeira. De repente era planalto, depois virava planície. Montanhas, campos, mares e ilhas. Essa fascinante e misteriosa Santa Catarina. Alguém bem que tinha falado: "Você nunca esquecerá esse lugar, essa gente." Não esquecer. Não esquecia também aquela cantiguinha: (A ilha, a vila, o pescador, o mineiro, o violeiro, o cantador, o operário, o agricultor, o cortador de cana./ O milharal, o suor, o sangue, o homem, a enxada, a mina, a dor, o dono, o chicote oculto, a faca, a ferida, a luta pela liberdade, o sol e o mar./ Céu-luar e gaivotas, cavalos e passarinhos, pastagens e rios, serras, montanhas, planícies e vales./ E o apúsculo, mistério, mar uma viagem sem fim, conhecer as terras de Santa Catarina.) E da janela ele via as pastagens, o milharal, mulheres e homens curvados. Criancinhas com leves chapéus de palha.

O amigo no hotel ficaria surpreso quando acordasse. Viu-o, nitidamente, virando a cabeça para o lado da cama. O espanto, os olhos procurando por todo o quarto. E nada. Ninguém. Talvez depois ele dormisse novamente. Talvez até esquecesse de tudo. Ou, então, ficaria gritando: "louco, você não sabe devia ter feito isso comigo... nunca imaginei que você fosse capaz de uma coisa assim... tomara que você morra." E a voz sairia trêmula, nervosa. Rouca de tanta bebida que tomaram juntos.



Agora ele partia dentro de um ônibus, gozando o vento e os lugares lindos que passavam tão rapidamente que não era verdade. Não, não era verdadeira essa viagem, não era verdade que estava ouvindo gaita de boca, antigas baladas, não era verdade aquele velhinho sentado no motor soprando com paixão naquele miúdo instrumento.

Linda música, não?, disse um dos passageiros. Sim, muito bonita, as palavras escaparam-lhe dos lábios (estava falando sozinho?, estava sonhando?). Mas parecia que tinha ouvido mesmo, tenta abrir os olhos mas não dá, dói tudo, por que o velhinho parou de tocar?

Mas não era tudo um sonho? Então, por que tinha acordado e não conseguia abrir os olhos? foi escorregando, escorregando de mansinho numa coisa macia e quente, gostosa e lisa...

Moço, você tem cigarro? Não, eu não fumo. Pra quem dissera aquilo? A cabeça gira, gira, tonta, tonta, como num sonho. Como naquele filme "Suave é a Noite". Lembra da Liv Ullmann num filme de Bergman e sente vontade de viajar. Mas o que está fazendo ali?

Moço, você vai ter que descer agora, é a última parada. Então era verdade, o ônibus, estava sozinho, os outros passageiros já tinham saído, onde será que ficara o velhote?

E o ônibus para. Assim, num segundo, surge a idéia. Olhando para o condutor: escuta, você viu onde o velhinho foi, aquele... é, faz muito tempo que ele saiu?

De novo ele partia para uma viagem louca.



**FINASC**

**Somando recursos para multiplicar benefícios**

# CRÍTICA

LAURO JUNKES

## A SUPERFÍCIE: UMA REEDIÇÃO VALIOSA

Ricardo L. Hoffmann acaba de lançar a segunda edição de seu livro de estréia: A SUPERFÍCIE, pela Editora Antares, em convênio com o MEC. Trata-se de um fato que merece destaque, porque o livro estava há muito esgotado e seus valores o recomendam e destacam consideravelmente dentro da nossa produção catarinense (como também na nacional).

Ricardo Hoffmann, nascido em 1937 em Criciúma, formado em Direito, é um escritor de grande potencial que, infelizmente não encontra condições de dedicar maior tempo e atenção à criação literária, pois acreditamos que poderia revelar altas possibilidades.

Em 1965 sua novela ainda inédita CAIPORA obteve menção honrosa no concurso Prêmio José Lins do Rego, instituído pela Livraria José Olímpio. Em 1967, com A SUPERFÍCIE, ora felizmente reeditada, foi consagrado pela crítica nacional como a revelação do romance brasileiro, tendo também recebido o Prêmio da UFSC. Em 1969 obteve o segundo lugar no Concurso de Contos, instituído pela Academia Catarinense de Letras e Prefeitura Municipal de Florianópolis. 1971 trouxe a publicação de seu segundo romance: A CRÔNICA DO MEDO, que também está a reclamar insistentemente uma segunda edição. Participou ainda das antologias: ANTOLOGIA DE AUTORES CATARINENSES, PANORAMA DO CONTO CATARINENSE e ASSIM ESCREVEM OS CATARINENSES. É uma das maiores expressões do romance catarinense, que esperamos ver de volta a maior atividade.

A SUPERFÍCIE não é um simples romance regionalista, caracterizando a região colonizada por imigrantes alemães, embora o autor anuncie especificamente no início sua pretensão: "o que eu quero é contar uma história de alemães, uma história do alemão, segundo a minha experiência". Não sendo obra de superfície, o romance aprofunda-se em análise psicológica. Narrado em primeira pessoa por uma personagem — Humberto — apresenta a história psicológico-social de Heinz, amigo do narrador e filho de conservadora família germânica. A narrativa estrutura-se em três partes, bastante diferenciadas.

Na primeira parte — "A Inclinação" — o narrador ministra aulas particulares a Heinz. Professor e aluno são adolescentes, iniciando-se nos mistérios da vida, Humberto, ressaltando-se superior, não se atém às aulas, procurando socializar seu discípulo, bem como estimulá-lo a desenvolver suas tendências pictóricas, a ponto de Heinz decidir mudar de carreira, quando diminuem os contatos entre ele e o narrador.

Nessa primeira parte explicita-se mais o propósito do narrador: apresentar sua experiência com os alemães. O pai de Heinz está pintado com todo o autoritarismo intransigente, pelo narrador que o visita: "Não percebi na frieza trêmula, dentro da qual meu companheiro manteve aquilo que chamamos de naturalidade, os olhos quase se fechando de receio, o terror mudo e iminente espraiando-se sobre tudo ao redor dele, como se agora toda a casa se tornasse subitamente a toca, o reduto (o que era mesmo) daquela fera fria e metódica que gostava de destruir argumentando primeiro, depois fazendo valer a sua autoridade de pai e de adulto com toda a severidade".

Tal autoritarismo repercute na educação dos filhos, cujo desenvolvimento é tolhido, tornando-os desajeitados e acanhados diante do "chefe", como notamos na descrição do ritual duma refeição: "Depois de sentados num movimento único que sucedeu à iniciativa espontânea do dono da casa, comeu-se primeiro em silêncio e depois ouviu-se religiosamente as perguntas daquele homem risonho e grave ao mesmo tempo, que se recolhiera novamente a um tratamento respeitoso em relação a mim, a tal grau de intensidade que ele próprio se mos-

trava intimidado como os outros, e tudo parecia então subjugado à influência de minha presença, o que fazia quase sufocar sob o impacto constrangedor de uma importância melindrosa". E o final da refeição: "Seu Holz (o pai) depositou o garfinho atravessado no prato e quase no mesmo instante uma sucessão de ruídos idênticos correu a volta da mesa em todos os pratinhos, menos no meu, onde eu migava vagarosamente, já mais ou menos repleto, parte escura de uma fatia de bolo, da qual devorava a parte clara".

Delinea-se, sem dúvida, o vulto autoritário do pai. Outras observações sutis do narrador confirmam a mesma caracterização do viver germânico: autoritarismo, austeridade, puritanismo, senso de limpeza: "Heinz, usando sempre uma fórmula de indecisão que permitia ao pai a última palavra...". "As mãos vermelhas da mãe e da irmã, a pele transparente de sensibilidade higiénica, dura nas calosidades, quase rompendo a translucidez nos pontos moles relavados...". "A irmã tragava o bolo sem mastigar direito de tanto medo de que eu lhe pusesse os olhos" — são anotações aparentemente passageiras, mas perfeitamente caracterizadoras das atitudes acima apontadas.

Essa primeira parte, muito narrativa, prima pela caracterização dos costumes germânicos, descrevendo o desajeitado Heinz, filho de alemão, ao ser dirigido para maiores contatos sociais, nos quais se evidencia seu acanhamento, insegurança e falta de jeito.

A segunda parte — "O Desenvolvimento Mórbito" — avança uns dois a três anos e centraliza-se numa perquirição psicológica do comportamento de Heinz, a partir do momento em que este rompe com a autoridade paterna, sai de casa e instala-se num "par-dieiro" para ali entregar-se livremente à sua arte. O narrador acompanha seus problemas interiores, seus temores íntimos, suas dificuldades de criar, sua ansia de fazer aflorar à superfície o oculto, o mistério íntimo, de exprimir na pintura seu mundo interior. Ao mesmo tempo, e como que numa espécie de libertação, Heinz banha-se no rio.

A terceira parte — "No Terceiro Dia" — narra o desaparecimento de Heinz, já há três dias, e as buscas inúteis para encontrá-lo. Teria sido tragado pela superfície traçoeiramente calma das águas do rio? Teria fugido? Embora as buscas envolvessem o empenho de todos, especialmente do pai, dominado por um complexo de culpa, os resultados são negativos e o corpo não aparece ao terceiro dia, segundo acreditavam. O chefe da estação da estrada de ferro afirma, então, que não mais aparecerá — "Os senhores aqui perdem o seu tempo. Só um dentre todos voltou no terceiro dia". O narrador, que partilhara da evolução íntima de Heinz, declara que este "vinha se desligando de todos nós há muito tempo" e assim, melancólica e dubiamente, encerra-se a narrativa com uma imagem de ressonância bíblica: "A delicada luz das estrelas dançava sobre a água animando as trevas da superfície".

Esse romance de Ricardo Hoffmann, como já ressaltamos, revela um intencional aprofundamento psicológico, através do destaque sutil de pormenores significativos. Extensas passagens descritivas e dissertativas não truncam o desenvolvimento da narrativa, enxertando-se na mesma, mas complementam e aprofundam o significado dos fatos. Estilisticamente, destacam-se períodos extremamente longos, de quase página inteira, como que a revelar que o narrador se "perde" nas suas meditações ou especulações, não se atendo à narração dos fatos, mas buscando uma razão para os mesmos, um aprofundamento de seu significado. O realismo nas descrições também remete para uma caracterização mais perfeita das personagens, como por exemplo: "E então surgiu o pai, atrás de mim e fez-me a volta num circuito de passos para

estender-me para baixo e para diante sua mão vermelha, sardenta e com cabelos sobre as falanges curtas. Sempre um sorriso prometendo uma surpresa que nunca vinha".

Entretanto, mais do que tudo isso, importa perguntar: por que A SUPERFÍCIE? Há todo um jogo muito bem conduzido durante a narrativa, entre a superfície das águas do rio, a superfície das telas pintadas e a afloação à superfície da alma, exteriorizando-se. O rio, desde o início, apresenta características sinistras. Tão agradável aos companheiros para o banho, não o é para Heinz: "... a superfície do rio aterrorizantemente ampla e sensível oscilando diante dele..." — já denuncia a tragicidade ambígua do final.

A propósito da perigosa evolução do artista independente que observa em Heinz, o narrador comenta: "A alma é um rio que aceita tudo o que lhe atraímos, arrasta-o na superfície ou atrai para o fundo e leva depois por sua própria conta o pequeno objeto que é a nossa influência, sumindo na massa bruta de sua essência incorruptível". Essa tendência "ao desenvolvimento mórbido no declive" de Heinz "apenas veio lentamente à superfície". Na ansia de realizar sua arte, de externar seu mundo íntimo, "ele encarnava a força de uma fatalidade mole" e o narrador fica "impressionado com aquela coragem com que ele se desapegara de tudo isso que nos mantém na superfície, nos faz flutuar entre os gestos de desespero e de egoísmo", alegando que "sempre que saía de si era como se encetasse a fuga".

O medo que pode causar o abismo que está sob a superfície calma do rio identifica-se com "o terror que jaz sob a superfície" do eu, donde provém o medo ante o "desdobramento do eu".

A tela de pintura vai refletir na superfície esse íntimo, por isso o narrador pergunta a Heinz "se aquelas suas telas não se constituem em simples superfícies de horrores, produzidas pelo desbaratamento de suas impressões fugidias", ao que Heinz responde que "uma tela é uma superfície de impressão pura", acrescentando logo: "uma tela é uma superfície. E o que é a vida senão a superfície de horrível confusão, de terrível balbúrdia que vela a voragem da morte?..." E mais incisivo ainda: "Debato-me na superfície de horrores que se chama vida e deixo que meus gestos sejam reflexos espontâneos das impressões que ele me causa, é só isso". Mas pensa que "deve haver alguma coisa por trás dessa superfície", esclarecendo depois que "se nos atrevemos a furar nossa casca de inteligência, encontramos debaixo dela um bicho, e no fundo do bicho, se formos adiante da nossa curiosidade, alma do bicho, que nos iguala, é o simples medo da morte".

Mais tarde, após o desaparecimento de Heinz, e na busca incessante ao mesmo, o narrador relaciona esses fios explicativos, e, consciente de que a superfície é enganadora e que "a superfície do rio, que continua enganando os homens", pode explicar a atitude de Heinz, conclui: "Ele, o desertor, o fugitivo, o egresso da vida, estava explicado sob aquilo, dentro daquilo, daquela fria placidez pinturesca, perpendicularmente abaixo da fluidez enigmática da superfície, nos devãos fundos e sombrios do leito que, por baixo da tênue linha, ou do tênue plano dos reflexos, da superfície enganadora enfim, rola a verdadeira água para o oceano impertérito". Relacionando a "superfície enganadora" da água e a "superfície de horrores" da tela com o que possa estar "por trás da superfície" da alma, deslinda-se um pouco do mistério da existência de Heinz, que é o mistério da existência humana. Nesse rumo desenvolve-se a análise psicológica da personagem central da A SUPERFÍCIE.

Essa reedição trouxe à circulação um grande romance. Creio ser um dos melhores dentro do panorama catarinense. Mas, evidentemente, cabe aos leitores o julgamento decisivo.

Pegue uma agulha de tricô e ponha em pé estiver difícil chame Colombo). Agora coloque um pouco de água dentro de uma bacia e equilibra-a em cima da agulha. Se você deixar mar pacientemente mais água, até encher a bacia inteira, verá que a bacia será penetrada pela agulha e se fixará no chão, sem dar vazão à água.

E pra que serve este milagre? Não, não, não, alguma experiência química caseira. Ele para demonstrar como a UNE está se comportando ante os olhos de um estudante estudioso e interessado pelo movimento estudantil. Encaremos a bacia como a UNE e a superfície do terreno em que ela está se movendo como parte do terreno em que ela está se movendo. Estamos na fase mais delicada do equilíbrio da bacia. Enchendo equitativamente a bacia com estudantes teremos seu movimento definitivo no perigo solo dos estudantes de classe no Brasil. Se balançarmos a bacia ela despencará e por aí vai o trabalho de soerguimento. Mas, se os estudantes forem esquecidos os sectarismos vergências ideológicas, mínimas para a tância do fato, a UNE abrangerá e tornará informal e eterno do universitário e estudante de seus problemas e necessidades. Depois da avalanche de 68 e dos...



# UNE, MOVIMENTO ESTUDANTIL E AFINS

MARCELO RECH

discussões clandestinos, durante 9 anos, nos porões das universidades, os estudantes passaram a desempenhar um papel relevante na condução da política brasileira. Foram eles que deram o primeiro grito pelas liberdades democráticas em 1977. Já o ano seguinte foi a vez dos trabalhadores e os estudantes retornaram às suas micuinhas pessoais, na luta desesperada pelo aparelhismo, ou seja, na conquista de entidades que pudessem dar os rumos ao movimento estudantil. Esta luta se defrontou apenas com um problema: o dos estudantes menos politizados, que não conseguiram e nem quiseram acompanhar as vanguardas. O movimento se perdeu e os ditos líderes estudantis começaram a ser hostilizados e renegados pelo estudantado. Então veio o refluxo, a volta às faculdades, aos problemas internos, não mais sendo conduzidos por "líderes", que na maioria das vezes estavam alienados dos problemas específicos de suas faculdades, mas por aqueles que realmente iam às aulas e não apenas aos diretórios acadêmicos pintar cartazes. E a UNE só deve fazer isto: saber capitalizar estas necessidades dos estudantes e arremessá-las para um campo mais amplo. Ai, finalmente e felizmente, ela representará e receberá o apoio da maioria dos um milhão e quinhentos mil universitários brasileiros.

# O SER E A SOCIEDADE DOENTE: DIVAGAÇÕES PARALELAS A LIVRO DE A. SANTAELLA

C. RONALD SCHMIDT

As vezes que me dirijo a Ilha, saindo de meu retiro intelectual, pouco me oferece de paisagem o espaço sólido que ela apresenta acima de suas duas baías. Procuo então o auxílio da memória que me empresta sua verdadeira face e a beleza que ostentava tempos atrás. Hoje a Ilha é um amontoado de edifícios. Conseguiu imitar as grandes cidades que tanto inferiorizavam seus habitantes. Mas nem por isso deixou de ser provinciana; apenas perdeu suas características. O que somos de mais autêntico geralmente nos causa desgosto. Os habitantes da Ilha não tinham, como não têm hoje, consciência de seus valores.

A cada momento o homem trai suas origens e destrói sua base psíquica; suas necessidades reais deformam-se e com elas o meio. Na bucólica ilha da minha infância a natureza determinava o fluxo colorido das moradas e o espírito se rendia entre o verde iluminado das colinas e a suave penumbra de suas reentrâncias. O Ser ainda estava e todas as famílias se conheciam. O crescimento da sociedade depois de determinado momento, impede o convívio e aliena seus membros no núcleo social que é a cidade. Sem visão total da semelhança o indivíduo perde seus valores. Está em si e não para o Ser. O exterior lhe avassala, o espírito se desvia do significado. A Ilha torna-se a residência do Ser sem ele. Se o homem é gregário na sua abrangência, também é limitado pelos valores pois é: o Eu e o Outro. Como membro do grupo tem de percorrer os demais para chegar em si e conhecer a visão abrangente. Se o circuito interrompe-se perde a essência, não vê além da esterotopia, a ausência da luz impõe-lhe o raciocínio fora de todos os valores, o espírito adoce.

O livro "Psiquiatria Social da Vida Moderna" do professor Antônio Santaella, já em segunda edição, não serve apenas a médicos, é útil àqueles que tomaram consciência dos problemas que atingem o homem na sociedade atual. Em linguagem simples e elucidativa, consegue de maneira notável, realizar um esforço da psique humana alterada por fatores sociais, empregando as teorias vigentes mais consentâneas à sua experiência diária e profissional.

O homem da Ilha, desde a chegada deste sábio, quando ainda não era submetido às tensões da vida atual, se enlouquecia, não tinha, indubitavelmente, como causa da desagregação de sua mente as tensões. Enlouquecia como hoje enlouquece e não se sabe porque. O homem da Ilha naquele tempo estava integrado à sua realidade que era a dos demais e resistia às pressões do meio. Seu comportamento harmonizava-se na relação com o todo. Mar e terra lhe falavam, abriam-se para o conhecimento de sua essência o ser manifestava-se para estar. O homem da Ilha podia exercer seu espírito, o meio que lhe provocava também lhe absorvia as reações. Não havia domínio artificial, o homem da Ilha se experimentava íntegro.

A. Santaella, o médico, com sua percuciência inata, durante anos de trabalho estafante e à medida que o avanço material se fazia sentir na Ilha, pôde observar que entre os pacientes que lhe chegavam alguns apresentavam sintomas que se diferenciavam perante o paradigma científico estabelecido. A par da literatura específica referente ao fenômeno e oriunda de países onde o desenvolvimento tecnológico encontrara seus primórdios, fez o que o verdadeiro espírito científico faz: antes de adotar o produto empírico estrangeiro, paralelamente, desenvolveu suas próprias pesquisas, atento às variações dos casos clínicos que se apresentavam.

O começo do progresso humano inibiu os valores, a esperança perdeu o sentido diante da existência, homem da Ilha chegou ao universo sem amadurecimento.

Nota-se no transcorrer da leitura desse pequeno e valioso livro, a preocupação do autor pela sociedade doente; olha o futuro dessa sociedade que são os jovens. A loucura estática neste trabalho quase não lhe interessa: esquizofrênico não participa do futuro. Mas aqueles de mente e sensibilidade altamente aperfeiçoadas que transgiram as regras de conduta tornam-se o alvo de seu interesse científico. O enfoque escolhido por A. Santaella já diz da importância do texto e da inegável liderança do autor no meio médico e intelectual da Ilha. Um aristocrata por natureza, cuja modéstia irradiante ressalta sua plenitude de amor pela vida e pelas criaturas.

# SUPLEMENTO DA TRIBUNA 7 ANOS NO FRONT

As vésperas de completar 7 anos de atuação ininterrupta, já em seu n.º 313, o SUPLEMENTO DA TRIBUNA DA IMPRENSA do Rio de Janeiro (único veículo literário do Estado e um dos poucos remanescentes do País), continua aberto aos nossos autores e apoiando a luta sem tréguas de todos aqueles que buscam incentivar e divulgar o melhor da nossa cultura.

São 8 páginas em formato tabloíde que todos os sábados amanhacem nas ruas trazendo contos, poemas, ensaios, resenhas, críticas,

charges, reportagens, entrevistas, depoimentos, movimento editorial. São 8 páginas abertas ao que se produz hoje, nos quatro cantos do País.

Contamos com seu apoio. Divulgando nosso trabalho estamos — juntos — colaborando para garantir um espaço cultural democrático e, por isso, representativo e atuante. PAULO BRANCO (editor-responsável); MARIA AMÉLIA MELLO (editora-chefe); WANILTON CARDOSO AFFONSO (coordenador-editorial).

# ESCOLA DE BALLET

A Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, com muita honra, vem comunicar que a partir do dia 1.º de agosto deste ano recomencarão as aulas de ballet desta Sociedade.

O Professor contratado é o Sr PEDRO DANTAS RODRIGUES, nascido na Bahia. Iniciou seus estudos de ballet no Teatro Municipal de São Paulo, mais tarde participou também do Corpo de Bailados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Em 1970 foi à Europa onde trabalhou como solista em diversas Companhias de Ballet na Alemanha, Itália e Grécia. Agora, de volta ao Brasil após 9 anos, pretende transmitir aos seus alunos, em

Blumenau, toda a sua arte de bailarino. O Professor PEDRO DANTAS RODRIGUES ministrará aulas de Ballet Clássico, Ballet Moderno e Folclore Brasileiro, para moças, rapazes e crianças.

Foi marcada uma entrevista para os interessados, "DIA 30 DE JULHO AS 15,00 HORAS" nesta Sociedade, na qual o Professor explanará seus objetivos e fará uma classificação dos cursos e idades para as aulas.

Agradecemos pela sua atenção e ficamos ao seu inteiro dispor para maiores informações na Secretaria do Teatro Carlos Gomes, ou pelo fone 22-5805, com a Srta. Cristine.

# MEU REINO POR UM CARRO -E UM POUCO DE GASOLINA CLARO-

(IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO)

Rua da Consolação congestionada, três da tarde, meio da semana, julho, plenas férias. Rodoviária, Anhangabaú, São João, ninguém anda. O cine Majestic, na rua Augusta, exhibe filmes para crianças. Centenas de mães formam fila dupla, embananam o trânsito, o monobrista de congestionamento está maluco. Carros por toda a parte, geralmente levando uma pessoa só. Ou duas. E quando os "tempos de guerra" chegarem? O que fará esta gente totalmente integrada ao carro? De tal modo dependente que se tem de se desloca duas quadras; desce, tira o carro da garagem, vai, encontra os inevitáveis problemas de estacionamento, mas resiste.

O caro foi uma "conquista" que o brasileiro fez nos últimos vinte anos. Resta saber que tipo de conquista? Não teria sido o automóvel que conquistou, ou literalmente possuiu a todos nós? Não nos compreendemos como civilizados se não estivermos atados, ligados, a esta máquina.

Imaginei uma vez uma história (nunca escrita mas que estaria bem no meu livro "Cadeiras Proibidas") em que as pessoas se integravam aos objetos. As secretárias eram ligadas às máquinas de escrever, as donas-de-casa aos fogões, os homens aos seus carros. Ninguém mais era somente gente; tinham todos se transformado em meio-homem-meio-máquina. Felizes, como podem ser felizes os inconscientes, ou os que deliberadamente abandonaram a condição de humanos. Porque esta é uma condição que se abandona.

A grande neurose dos tempos atuais é: como poderei viver sem o meu carro? Anda todo mundo esquecido que apenas duas décadas atrás, o número de veículos particulares era mínimo, minimírrimo, em comparação com o que existe agora. E ninguém morreu.

Ninguém deixou de fazer as coisas que tinha, ninguém perdeu a namorada, ou perdeu o cinema, a comida. Talvez fosse um pouco mais difícil, complicado. Pode ser que exigisse da gente sair mais cedo. Ou quem sabe fôssemos obrigados a apanhar um ônibus. Quanta gente, há quantos anos, não entra num ônibus? Outro dia, enquanto aguardava para atravessar uma rua, ouvi um garotinho falando com sua mãe.

- O que é ônibus, mãe?
- É um automóvel muito grande que leva muitos passageiros.
- O que é passageiro, mãe?
- Passageiro é quem viaja de ônibus. Ou de Trem, ou de avião.
- Então eu não sou passageiro, né mãe?
- Não, você não é.
- O que eu sou então?
- Você é... é... é um pedestre.
- Então, mãe, pra ser passageiro tenho que entrar no ônibus? E qual-

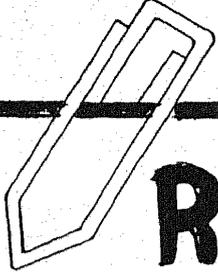
quer um pode entrar no ônibus, mãe? Evidente que através a rua com sérias dúvidas sobre a sanidade mental do moleque, já bem crescidinho. No

entanto, este diálogo não foi imaginado, nem me parece tão absurdo. Existe uma geração de meninos que jamais entrou num ônibus. Nem no escolar, porque são as mães ou choferes que levam. E não se trata aqui de uma elite altíssima, não. Tal "privilégio" estende-se por toda uma faixa da classe média Claro que, de qualquer modo, continua a ser elite. Segundo li ontem, apenas 15 por cento da população brasileira é motorizada. Os outros 85 por cento sobrevivem sem automóveis. E se estão morrendo, é por outras razões, como fome, subnutrição e falta de condições sanitárias; morrem por desamparo total do governo. E não por falta de carro.

Devemos a JK e a sua "febre desenvolvimentista" este fenômeno: um país subdesenvolvido, ansioso por parecer desenvolvido, montando uma indústria apocalíptica, enquanto o campo e a agricultura que deviam ser as metas essenciais (afinal, a fome é uma realidade para daqui alguns anos) foram abandonados. Nos tornamos industriais, sem estrutura para isso, quando podíamos ser o celeiro do mundo (a frase é ufanista, hein!). Hoje temos carros por todo lado, mas importamos feijão, carne e um mundo de produtos de primeira necessidade que podíamos estar produzindo.

Outro dia, no Estádio havia uma carta do Paulo Planet Buarque, entre séria e irônica, propondo a extinção total de circulação aos sábados e domingos. Somente polícia, ambulâncias e veículos de emergência poderiam trafegar. Isto levaria o povo a ficar em casa. Só que a solução proposta pelo Buarque não me pareceu convincente. Ele se baseou em lazer repousado na televisão. Penso que nas primeiras semanas o povo ficaria desarvorado. Todos contemplariam desolados os seus carros nas garagens, imobilizados. Depois entrariam em casa e ligariam a tevê. De manhã a noite os aparelhos ligados. Enquanto não começasse a programação, marido e mulher se olhariam inquietos, sem saber o que fazer. Mas, aos poucos, as pessoas se habituariam. Iriam descobrir que sentar e conversar é bom. Ou brincar com os filhos. Apanhar um livro e ler. Tentar fazer trabalhos manuais. Consertar coisas da casa. Ir ao vizinho, propor um almoço conjunto. Sair para a rua, Colocar cadeiras na calçada, abrir até um barril de chope. Soltar as crianças livremente, para que corressempulassem, andassem de bicicleta, skate, carrinho de rolimã e mil coisa mais. As ruas voltariam a ser ocupadas pelas pessoas, despreocupadas ligando-se umas às outras tranquilamente, em meio ao silêncio, o ar limpo de fumaça.

Isto não é saudosismo, nem nostalgia, nem pregação contra o progresso (aliás, existe um preconceito: é se dizer uma frase dessas e as pessoas logo vêm com você é contra o progresso). Que o "progresso" exista durante cinco dias por semana. E o que resta da gente, o que ainda temos de humano, mande em nós por dois dias apenas.



# RECADO

## O "BOOM" EDITORIAL BLUMENAUENSE

Em agosto próximo, ou quem sabe até o final deste mês de julho, o público catarinense receberá uma nova coletânea literária. Só que desta vez, e o fato é inédito na região, apenas com autores blumenauenses ou que aqui residem. Como inédito? perguntarão alguns. Há bem pouco tempo não foi lançado "Os Contos da FURB"? Sim foi. Mas a antologia da FURB reuniu autores de todo o Estado Catarinense. Com exclusão de opúsculos, revistas e cadernos, é o primeiro livro reunindo autores produtores blumenauenses. Como adjantou-nos o jornalista e escritor José Gonçalves, autor da idéia e também coordenador, o livro deverá chamar-se "Contistas de Blumenau". Assim denominado, explica ele, fica evidente que a coletânea não congregará apenas contistas desta cidade, mas também outros autores que adotaram Blumenau como cidade natal ou moradia. Participam da obra onze autores. Dois deles são mulheres e estão assim relacionados: Carlos Braga Muller, Edith Kormann, Enéas Athanázio, Herculano Domicio, José Gonçalves, José Roberto Rodrigues, Otto Jaime Ferreira, Roberto Diniz Saut, Rogério Neri Souza, Urda Alice Klueger, e Vilson do Nascimento. Alguns deles são bastantes conhecidos do público, tendo inclusive obras pessoais já publicadas, como é o caso de Enéas Athanázio, José Gonçalves e Edith Kormann. Outros, embora exibindo boa qualidade textual, podendo já terem obra pessoal publicada, são encontrados apenas em antologias de prosa ou verso. E outros, mesmo com muito boa produção quantitativa/qualitativa, esporadicamente publicam, como é o caso do contista e jornalista Herculano Domicio. E um deles, o Otto Jaime Ferreira, jamais ouvi falar. Talvez seja a revelação do livro.

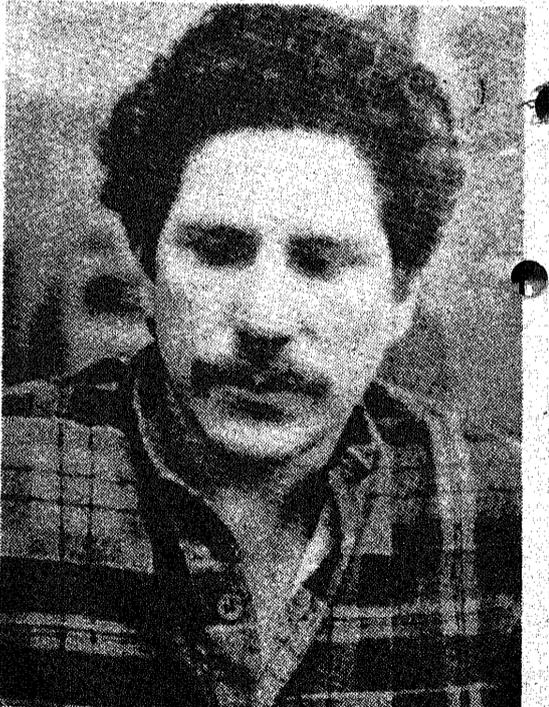
São onze contistas de diferentes idades, estilos e sexos. Com temática igualmente diversificada, em comum possuem apenas uma determinante: a certeza de um trabalho útil, proveitoso e, sobretudo, gratificante. São todos "escritores de domingos, feriados e dias santos", mas nem por isso menores que os ditos "profissionais". Aliás, profissional mesmo, neste Brasil inteiro parece-me que apenas o autor de "Terras do Sem Fim". Este deve ser o único escritor que vive, ou sobrevive, efetivamente do ofício.

"Contistas de Blumenau" não é o resultado de uma Comissão Julgadora. Não é também um trabalho onde se procurou selecionar ou separar. É uma coletânea de todos aqueles que através de seu produto e esforço literários procuram elevar e projetar a imagem cultural de sua cidade. Esta coletânea, que brevemente estará a venda nas livrarias de todo o Estado, é uma publicação da Fundação Casa Dr. Blumenau, em co-edição com a Livraria e Editora Lunardelli, de Florianópolis. Justificando o "boom" editorial também em agosto deverá ser lançado "Outros Catarinenses Escrevem Assim", antologia poética. E outra publicação da recém-fundada Editora Acadêmica, dirigida por Márcio Cani e Oldemar Olsen Júnior.

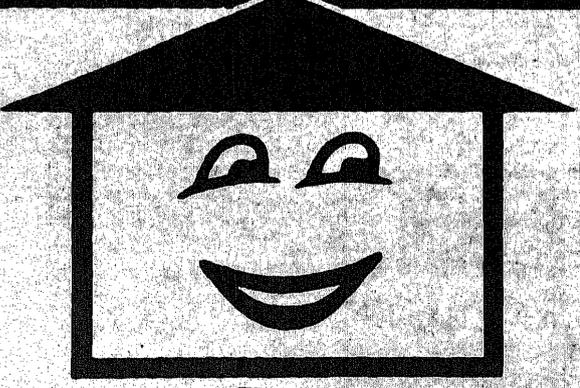
**HABITASUL DIVULGANDO NOSSOS ARTISTAS**  
Exemplar o acordo firmado entre Altair Carlos Pimpão, gerente da Habitasul, e Odair Mário Martins, proprietário da Galeria de Arte e Artesanato Ki-Krei, de Blumenau. A partir deste mês a Habitasul cede à Ki-krei parte de suas dependências para que aquela Galeria organize, continuamente, exposições com artistas plásticos catarinenses. Para inaugurar o "hall" de exposições da Habitasul foi convidado o

artista florianopolitano LORD, nome artístico de Lourival Pinheiro Lima. Lá estivemos nós para cumprimentar Altair pelo gesto simpático (que deveria ser seguido) do acordo celebrado. Como comentamos em artigo anterior, pelo fato da Habitasul ceder graciosamente suas instalações, sem onerar os artistas e a Galeria, objetivando apenas a difusão artístico-cultural, pode ser classificada de "mecânica" tal atitude.

Depois de apreciarmos os trabalhos de Lord, esta foi a impressão retida: Lord é um artista insólito, excêntrico. Tanto são insólitos seus temas (multifaces como sua técnica (ácido, cera e fixador sobre madeira). Suas cores (laranja, vermelho e azul) extremamente fortes e pesadas, apresentam pouca ou nenhuma gradação. A técnica aplicada à madeira resulta numa textura nova, pouco conhecida, pouco explorada. Mas não é aí, em sua técnica, que encontramos sua melhor qualidade, ainda que o casamento técnica-tema seja perfeito. Em sua temática, acreditamos, está sua maior força e extrojeção. Nas multi ou plurifaces Lord foi buscar, e encontrou, sua linguagem pictorial ideal. Com faces ou meias faces uniformes, este artista consegue facultar-nos a leitura de trabalhos impregnados de forte e vigoroso personalismo. Subjetiva é a sua linguagem, sua maneira de pintar, de fazer, entretanto objetivo e coletivo é seu recado, seu grito pictórico. Nessas faces infinitamente perfiladas, às vezes como escondidas, ou escondendo-se, vemos algo por demais conhecido e familiar: semblantes sofridos, rostos elegíacos denunciando, quem sabe, as injustiças de uma humanidade que sofre, que já sofreu, e que parece ainda sofrerá muito e por muito tempo. Lord, jovem ainda, mas já incluso no plano superior de nossos artistas plásticos.



"Loro: trabalhos e personalidade fortes, marcantes".



**NA ALEGRE JARAQUÁ DO SUL, NÃO PODIA FALTAR O SORRISO DO PROBST.**

**PROBST**



# SISTEMA ESCOLAR E EQUIPAMENTO SOCIAL

PROF. AUGUSTO SYLVIO PRODOHL

O **HOMEM** analfabeto não tem acesso à cultura, à tecnologia, aos instrumentos de informação, que não os auditivos. Não pode, por suas próprias forças, empreender esforço de auto-aperfeiçoamento; esquecemos o papel desempenhado pela leitura espontânea e assistemática para o enriquecimento do país. Toda valorização de um indivíduo termina repercutindo dentro da comunidade. O homem é um capital cuja rentabilidade cresce à medida que se educa espontaneamente. Não se pode entregar um equipamento técnico de alto nível a um povo analfabeto: máquinas precisam de homens em determinado nível de cultura, sem o que facilmente se transformam em sucata. Não se pode esperar que o país disponha de riqueza para dispor de professores para todos os analfabetos, dificilmente alguém imaginará outro método de alfabetização para quase quarenta milhões (?) de indivíduos.

Pelos recursos normais jamais o Brasil transporá este impasse que nós, os sociólogos, economistas e pedagogos consideramos obstáculo ao desenvolvimento. Dezenas de campanhas oficiais já foram tentadas no país nos últimos trinta anos; nenhuma surtiu efeito, porque planejadas para serem pagas pelos cofres públicos. Por que não usar toda a capacidade de dedicação de milhões de brasileiros que se empenhariam, com alegria e patriotismo, numa cruzada deste tipo, que movimentasse toda a Nação?

Educação — no mundo moderno — deixou de ser tarefa de uma agência especializada chamada "escola", para ser esforço permanente da comunidade inteira. Não pode perdurar a separação entre o sistema escolar e o sistema de produção. Seria instruir dois sistemas paralelos desentoadados, cada um representando pesada carga de capacidade ociosa, quando a tarefa fundamental da escola é, precisamente, fornecer a mão-de-obra para o mercado de trabalho. A velha luta entre as "artes liberais" e as "atividades servis" (vinda da Idade Média e prolongada pela dissociação entre educação desinteressada e escola profissional) termi-

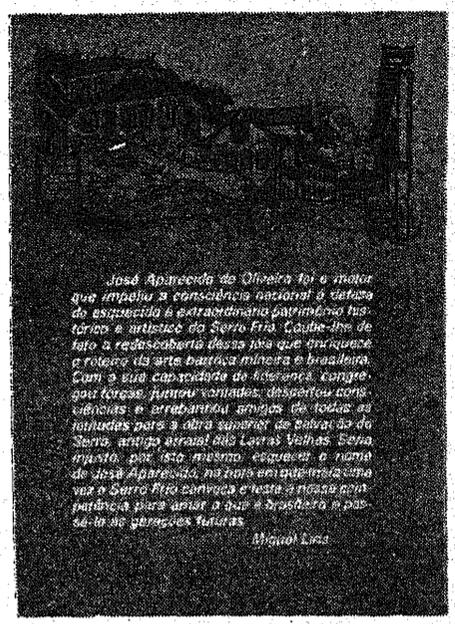
nará por certo, um dia, com a fusão entre a escola e as empresas de produção. Uma fábrica é, ao mesmo tempo, uma escola. Seus contramestres e engenheiros são professores no mais autêntico sentido do termo. Suas oficinas são os melhores recursos audiovisuais que se possam imaginar, uma vez que são a própria realidade que deve ser aprendida e manejada.

Não há escola (mesmo profissional) que possa equipar-se suficientemente bem e manter-se atualizada diante da complexidade e da rápida mudança de tecnologia; a aprendizagem deve voltar a ser feita dentro do próprio sistema de produção. Nenhum professor pode equiparar-se ao técnico que comanda as máquinas dentro da fábrica. Nenhum modelo ou recurso audiovisual pode substituir a própria atividade produtiva. Nenhuma motivação pode ser melhor que a torrente de produção que sai das fábricas, movimentadas pela multidão de produtores. Todo o investimento destinado a equipar as escolas com oficinas é uma triste tentativa destinada ao fracasso, primeiro porque representaria dispendio fabuloso que levaríamos cem anos a realizar; segundo, porque não é uma oficinazinha, num canto da classe ou num canto do pátio da escola, que mudará a mentalidade acadêmica de professorado, dos alunos, das escolas e a expectativa social de ascensão, através de educação não profissional. Estas soluções de bolso-de-colete são tanto mais prejudiciais quanto mais concorrem para desmoralizar uma idéia e uma aspiração fundamentalmente justas.

Enquanto a empresa não sentir-se como entidade pública a serviço do país e não abrir suas portas para a educação das novas gerações, parecerá organismo estranho dentro da comunidade, com objetivos de explorá-la e não de servi-la. Mas, não são só as empresas. Milhares de pessoas — principalmente milhões de mulheres, velhos, aposentados — vagam por aí sem uma tarefa social a cumprir, frustrados diante do país inteiro que trabalha e se esforça para superar o subdesenvolvimento. Milhares deles atenderiam a um

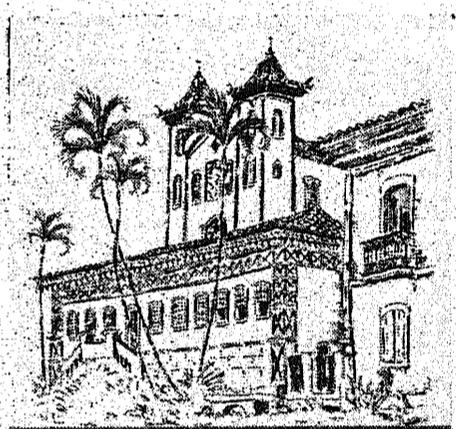
apelo da Nação para participar do processo educativo, se a idéia de comunidade integrada, e de Nação para todos, fosse levantada como motivação. Não como uma caridade dos privilegiados para com os deserdados, mas como uma tarefa comum empreendida por todos para todos.

Estamos no limiar da idade planetária, da astronáutica, da energia atômica (que já pretendemos usinas atômicas no país); do bem estar para todos, da educação universal e permanente. Se agora não formos capazes de um grande, um gigantesco esforço, perderemos a chance que a história concede a um grande país: passaremos a ser administrados — por incapacidade de autodireção — pelas organizações internacionais, multinacionais, se algum aventureiro, antes, não lançar mão deste imenso território, nascido para demonstrar ao mundo que a humanidade pode viver sem guerras e sem miséria.



José Aparecido de Oliveira foi o maior que impulsionou a consciência nacional e defesa do patrimônio e extraordinário patrimônio histórico e artístico do Sero Frio. Coube-lhe de fato a redescoberta dessa ilha que enriquece o roteiro da arte barroca mineira e brasileira. Com a sua capotidade de liderança, coragem, tenacidade, ferveur, vontade, desapego, corajosidade e arrebatado amor de todos os indivíduos para a obra superior de salvar do Sero Frio, antigo arraial de Lavras Velhas, Sero Frio, que em 1970 recebeu o nome de Sero Frio, na zona em desenvolvimento, na zona do Sero Frio, através desta iniciativa, que ajudará para assim a sua "brochura" e publicação de trabalhos futuros.

Miguel Lind



SERO DO FRIO VILA DO PRINCIPE

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
EMPRESA BRASILEIRA DE Fomento  
CASA DE CULTURA DO SERO Frio  
PREFEITURA MUNICIPAL DO SERO Frio

Comitê para o equipamento nacional do Sero Frio

no Sero Frio, antigo Vila do Principe, na zona de Lavras Velhas, Minas Gerais, primeiro distrito fundado no Brasil em 1938, na época Estado de Minas Gerais, em 1970, nomeado Sero Frio, através desta iniciativa, que ajudará para assim a sua "brochura" e publicação de trabalhos futuros.

**TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.**

IMPRESSOS EM GERAL  
"ATENDEMOS BEM PARA ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.  
ITAJAI: Rua Hercilio Luz, 309 2º. andar — Sala 8 — fone 44-0315

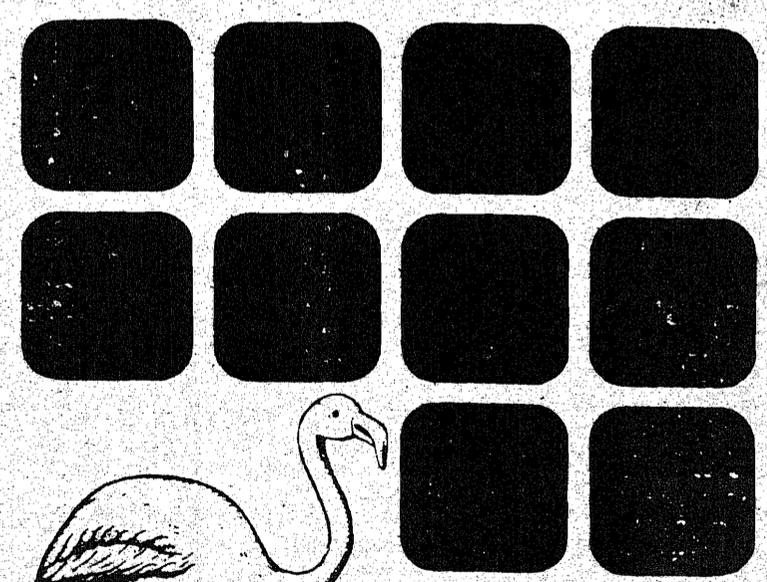
**Nova Geração de Máquinas**



31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA  
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX  
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296  
Blumenau Santa Catarina



**Flamingo**

BLUMENAU  
ITAPEMA  
FLORIANÓPOLIS

## ESTÓRIAS CURTAS

**CARLOS ADAUTO VIEIRA**

Poucas coisas serão tão fascinantes como a presença de espírito, aquela qualidade de responder, com graça, sempre ao pé da letra, no momento exato, desnortando aquela para quem ela é dada. Porque — no mais das vezes — a oportunidade é perdida e fica o lamento:

— Poderia ter dito isto, poderia ter dito aquilo...

Onde a presença de espírito é sempre qualidade indispensável é no Tribunal do Júri ou nas assembléias legislativas.

Há respostas espirituosas, que varam séculos, contadas de pai pra filho, de geração pra geração. Ou, até, narradas em livros.

Tive oportunidade de assistir a respostas desse tipo, desconcertantes pela finura e contundência.

Um velho professor, nascido em São José, rábula famoso, homem de avantajada cultura, brilhante nos tribunais de júri pelos seus parates, pelas respostas sempre prontas, confundia, assim, seus contendores, inibindo-os.

Em uma sessão no Tribunal de Júri, vi-o triunfar, menos pela argumentação desenvolvida, do que pela presença de espírito, respondendo a um aparte.

Por razões de diletantismo e não pecuniárias, aceitara a defesa de um homicida, cujas possibilidades de absolvição haviam ficado reduzidíssimas, não só pela sua confissão, mas, igual e principalmente, porque teria de sofrer o peso da acusação da Promotoria e de um auxiliar desta, notável advogado, tribuno famoso, natural de São Paulo, contratado pela família da vítima.

O professor não se intimidava com títulos e práticas, pois era vivido e seguro de si. Ouviu calmamente a acusação, sem sequer dar um aparte, tanto ao promotor, quanto ao seu famoso auxiliar, ambos prevenidos das qualidades do defensor.

Chegou a vez de esta apresentar as suas razões, não ouvindo, por igual, a menor interrupção.

Respeitavam-se os gigantes, como se houvessem feito um acordo prévio, embora o espírito lhes fizesse cócegas na ponta da língua.

Quase ao final, o velho professor disse, arrebatando a sua defesa:

— Daí, senhores jurados, a este rábula, cujos dias se findam, a alegria de ver a Justiça mais uma vez triunfando; daí, senhores jurados, a este modesto filho de São José...

— O nobre colega me concede um aparte? — perguntou o auxiliar de acusação, provocando um frêmito na assistência e no corpo de jurados.

— Com todo o prazer.

— Admira-me que o colega se confesse filho de São José, santo que, como todos sabem, só teve um filho: Jesus Cristo.

Tal aparte tinha a força de um murro. Desnortearia qualquer um que não o velho professor. Jogando para trás os cabelos grisalhos, com meio sorriso de malícia, replicou:

— Mas não deveria causar-lhe qualquer surpresa, sendo, como o é, filho de São Paulo, que morreu solteiro.



## GLOBAL EDITORA

O Livro Vermelho de Mao Tse Tung —

O público brasileiro já pode apreciar uma facsímile da versão em língua portuguesa das Edições em língua estrangeiras de Pequim. Uma das obras mais lidas em todo o mundo e em todos os tempos.

## AVENIR EDITORA

A DEFESA — Antonio Honaiss

Depoimento do conhecido escritor brasileiro sobre a cassação de seus direitos de cidadão e a defesa que fez inúmeras vezes com o propósito de defender das acusações do arbítrio todo poderoso. Escrito em 1964 contém um relato fiel da angústia ante uma ditadura contra a qual a força do direito é aniquilada ante o direito da força.

EM FAVOR DO HOMEM — Paulo Evaristo, Cardeal Arns

Relato de um homem religioso que luta dentro de um sistema ortodoxo pelos Direitos Humanos. Relato esperançoso ainda e apesar de tudo, sobre os valores e participações do Ser dentro de nosso cosmo belicoso. 56 páginas ricas de humildade e esperança.

REMINISCÊNCIA DO SÓL QUADRADO — Mário Lago

Um relato vivo de Mário Lago sobre sua prisão (não foi a primeira) segundo o próprio autor em 1932 por ocasião de um comício que comemorava a Semana dos 3 Ls: Lenine, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. 100 páginas já incorporadas a história brasileira.

A NOITE DA AGONIA — Hélio Silva

O Conhecido Historiador Hélio Silva — uma grande autoridade sobre o ex-presidente da República: Getúlio Vargas — traz em um breve depoimento em 80 páginas, os últimos dias de Vargas no Governo Brasileiro. A obra reata o esforço dos amigos íntimos do presidente tentando dissuadi-lo a renúncia... depois a morte e finalmente, a carta testamento, deixada pelo chanceler antes do suicídio.

## EDITORA FREITAS BASTOS

MANUAL PRÁTICO DOS TABELIÕES — Segadas Viana e Aguiar Govini

4.ª edição, ampliada e atualizada. Destina-se a facilitar o trabalho dos Advogados, Serventuários da Justiça e Dirigentes de Empresas, através de orientação de minutas de escrituras e procurações. O livro contém ainda, a nova Lei do Imposto de Transmissão e com Jurisprudência.

## EDITORA McGRAW-HILL do BRASIL LTDA.

Elementos de Soldagem — Janusz Drapinski

No campo da Engenharia, uma das partes de maior abrangência é a soldagem,

tanto pela sua amplitude de aplicação, como pela sua ingerência nas mais diversas áreas dominadas pela técnica. Essa publicação é destinada aos inúmeros profissionais e estudantes de mecânica interessados. Didática e Prática de Ensino — José de Arruda Penteado

A elaboração desta obra se deve à necessidade de se colocar nas mãos dos professores de 1.º e 2.º graus e de alunos dos cursos de Didática e de Prática de Ensino das diferentes licenciaturas ou habilitações para o magistério, um instrumento crítico e, em certa medida, prático, de trabalho e de reflexão.

## JOSÉ BUSHATSKY EDITOR

Curso de Introdução ao Estudo do Direito — Rubem Rodrigues Nogueira

A obra não pretende ser definitiva sobre o assunto, mesmo porque nenhuma matéria pode ser escrita num só livro. O autor, professor renomado da Universidade Católica da Bahia, condiciona em 16 capítulos, divididos em três partes muitos conhecimentos relativos ao Direito, desde a etimologia da palavra e alguns conceitos elementares até a Advocacia propriamente dita, incluindo a ética profissional. Livro importante a estudantes, professores e profissionais.

## EDITORA FICÇÃO

Ficção Quadrinhos —

Número especial — Contendo trabalhos (desenhos, cartuns) de alguns dos mais talentosos desenhistas de histórias em quadrinhos do Brasil. Uma tentativa, cremos que, pioneira da Ed. Ficção em destinar toda uma revista aos quadrinheiros brasileiros. Uma edição incorporada à luta em favor de nossa identidade artística e cultural.

Revista Ficção

Número 40/41 de Abril e Maio de 1979. Já em seu número muito significativo em termos editoriais brasileiro, a única revista dedicada inteiramente ao conto. Nesse último exemplar, destacamos o conto: A Penhora de João Saibro do catarinense Othon D'Eça.

## DIFEL - Difusão Editorial S. A.

Populações Ativas — Pierre George —

Um ensaio sobre a Geografia do Trabalho. Ele evoca, sucessivamente, as atividades rurais do Terceiro Mundo, onde a capacidade de trabalho das populações de idade ativa é subempregada e miseravelmente remunerada, e as estruturas de emprego das sociedades industriais, Europa, USA e, também, a dos países socialistas, onde as palavras mágicas são rentabilidade, produtividade, salário, emprego e desemprego.

## EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

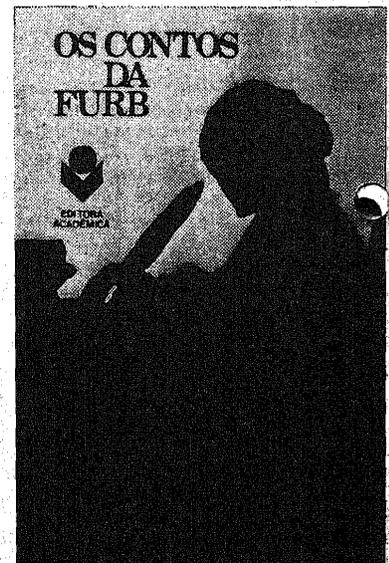
Revista Encontros com a Civilização Brasileira —

Agora em seu número 11 trazendo artigos, ensaios e comentários de interesse permanente sobre a realidade brasileira. Dirigida por Ênio Silveira e Moacyr F. 290 páginas. Cr\$ 60,00.

Crto Empalhado — Ricardo Daunt Neto

Um livro de contos de um importante ficcionista da nova geração. Trabalhos em que a fantasia e a realidade se mesclam de maneira extremamente original. A realidade brasileira pós-64 (Tv passeatas, tortura) é habilmente manipulada pela imaginação criadora desse arguto narrador.

## EDITORA ACADÊMICA LTDA.



OS CONTOS DA FURB

Antologia que reúne uma coletânea de contos incluindo os quinze melhores trabalhos premiados em três Concursos de nível estadual, promovidos pelo Departamento de Cultura da FURB em 1975/1976 e 1977. Uma co-edição FURB/ACADÊMICA.

## EDITORA FORENSE

Teoria e Prática do Direito Administrativo — José Cretella Jr.

O livro resulta da experiência feita em classe, a partir do caso concreto. Traz os princípios teóricos indispensáveis para o equacionamento e resolução do caso; finalmente, uma série de perguntas e respostas que rematam a colocação do autor, relativamente a hipótese formulada.

Regimento Interno e Súmula do Supremo Tribunal Federal

Uma atualização de Nilson Vital Naves. A obra, conforme emendas de N.º 1 a 7 e súmula da Jurisprudência predominante do STF, traz em suas partes: Regimento Interno do STF, Avocação de Causas, Representação para interpretar lei ou ato normativo federal ou estadual, Tabela de Custos, Portaria n.º 104, Portaria n.º 105, índice alfabético e remissivo do Regimento Interno do STF e Índice Alfabético-Remissivo da Súmula.

Das Relações de Parentesco — Código Civil Arts. 330 a 336 — Estudo Diagramático — Jarbas Ferreira Pires

O livro preenche uma lacuna existente nas letras Jurídicas. Trata-se de uma composição sistematizada com base nos artigos 330 a 336 do Código Civil Brasileiro, que dizem respeito aos laços que, genealogicamente, vinculam pessoas ou grupo de pessoas que se qualificam de parentes. Comentários ao Código de Processo Civil (II Vol.) — E. D. Moniz de Aragão

Faz parte da obra em 10 volumes. Neste volume temos os comentários do artigo 154 a 269, trazendo, ao final, uma valiosa bibliografia e índices alfabético-remissivo e onomástico.

Código Civil e Legislação Complementar

Texto atualizado. Atualização com glosas e notas por Nirval Garcia da Silva. Obra em segunda edição com Legislação Complementar. Dos Prazos e do Tempo no CPC — Jô-natas Milhomens



## PRÊMIO FERNANDO CHINAGLIA 1979

Stella Leonardos

### FICÇÃO INFANTIL E JUVENIL REGULAMENTO

- 1) - A União Brasileira de Escritores (UBE) concederá em 1979 o "PRÊMIO FERNANDO CHINAGLIA" a livros de ficção infantil e juvenil, inéditos e em língua portuguesa.
- 2) - O original, com o mínimo de 25 páginas datilografadas em espaço 2 (dois), de um lado apenas do papel, deverá ser enviado em 3 (três) vias, cada uma acondicionada numa pasta, sob pseudônimo e com um envelope fechado, contendo nome e endereço completos do autor.
- 3) - Autores que já obtiveram um dos três prêmios anualmente concedidos, não poderão mais concorrer ao "PRÊMIO FERNANDO CHINAGLIA".
- 4) - As inscrições estarão abertas a partir de 02 de abril e se encerrarão, impreterivelmente, a 31 de julho de 1979.
- 5) - Os autores deverão remeter seus trabalhos para:  
UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES "PRÊMIO

FERNANDO CHINAGLIA"  
A/C DA ESCRITORA  
STELLA LEONARDOS -  
RUA GENERAL GLICÉRIO,  
364 - AP. 1.202 - 22251 - RIO DE  
JANEIRO/RJ

**NOTA:** Caso não sejam enviados pelo Correio, os originais deverão ser entregues na portaria do edifício.

6) - Serão distribuídos três prêmios, com os seguintes valores:

- 1.º PRÊMIO - Cr\$ 60.000,00
- 2.º PRÊMIO - Cr\$ 20.000,00
- 3.º PRÊMIO - Cr\$ 10.000,00.

7) - Os três livros premiados serão publicados pela:

EDITORA BRASIL - AMÉRICA (EBAL) S.A. - AV. GENERAL ALMÉRIO DE MOURA, 302 - 20921 - RIO DE JANEIRO/RJ

8) O contrato da edição obedecerá às normas gerais da Editora, sendo os direitos autorais de 10% divididos entre o autor e o ilustrador, em partes iguais. A escolha do ilustrador será de exclusiva

responsabilidade da Editora, não cabendo ao autor qualquer interferência quanto à ilustração e às características gráficas do livro.

9) - O autor poderá abrir mão do contrato de edição, sem que a UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES ou a EDITORA BRASIL-AMÉRICA (EBAL) S.A. sejam obrigadas a qualquer indenização por essa desistência.

10) - A União Brasileira de Escritores nomeará uma comissão para julgamento dos trabalhos concorrentes.

11) - O resultado do concurso será tornado público a **02 de setembro** e a entrega dos prêmios efetuada em cerimônia, no dia **16 de outubro de 1979**.

12) - A Comissão Julgadora, a seu critério, poderá conceder Menções Especiais e Menções Honrosas.

13) - **Serão irrecorríveis as decisões da Comissão Julgadora.**

14) - A remessa de originais ao concurso significa inteira e completa concordância, por parte do concorrente, com os termos do presente Regulamento.

## 1.º ENCONTRO DE ORQUESTRAS DE SANTA CATARINA



Numa promoção conjunta do governo do estado, Blumenau assistiu ao Primeiro Encontro de Orquestras de Santa Catarina.

A iniciativa teve por objetivo integrar também no setor artístico cultural, as diversas comunidades catarinenses, quase sempre distantes e iso-

ladas culturalmente.

Nesse encontro foram reunidas orquestras de Joaçaba, Florianópolis, Joinville, São Bento do Sul e Blumenau, onde regentes e intérpretes tiveram oportunidade de permutar experiências e trocar conhecimentos. Tudo em prol de um estado mais coeso e

integrado culturalmente.

Também ficou provado que Santa Catarina, pode ter uma orquestra sinfônica. São cento e trinta e oito músicos, que podem ser unidos, se os entusiasmos não forem tolhidos, por falta de recursos, que só podem vir dos altos escalões.

## ROBERTO LYRA FILHO EM BLUMENAU

O conhecido jurista Roberto Lyra Filho estará em Blumenau nos dias 7 e 8 de agosto realizando importante conferência. Lyra Filho é o autor de uma obra chamada A Filosofia Jurídica nos Estados Unidos da América.

### A OBRA

Este livro consta da conferência pronunciada pelo autor durante a Jornada de Estudos de Direito Americano, comemorativa do bicentenário dos Estados Unidos, sob o patrocínio da Universidade de Brasília, do Instituto de Pesquisas e Assessoria do Congresso e da Casa Thomaz Jefferson.

Na opinião de Wilson Chagas, "o trabalho é esplêndido como exposição e síntese crítica. Verifica-se, de imediato, a familiaridade do autor com a filosofia jurídica de língua inglesa".

Wilson Chagas afirma ainda que "é trabalho sobretudo muito atual, pelo enfoque que soube dar à questão direitos humanos, tão debatida desde a posse de Jimmy Carter na presidência da grande república do norte".

### O AUTOR

Carioca, Roberto Lyra Filho é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro desde 1949, especializando-se no Instituto de Criminologia da mesma Faculdade.

Em 1966, doutorou-se em Filosofia do Direito pela Universidade de Brasília, cum laude.

Grant da Fulbright para pesquisa pós-doutoral.

Professor Titular de Filosofia do Direito na Universidade de Brasília e em diversos cursos de pós-graduação do país, atuando ainda como examinador e orientador de teses de doutoramento em Direito e Filosofia.

Presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia, seção do Distrito Federal. Membro do Conselho Consultivo Internacional do Seminário de Vitimologia. Membro do Conselho de Administração da Société Internationale de Prophylaxie Criminelle. Coordenador do XIV Congresso Interamericano de Filosofia, realizado em Brasília.

A par de todas as atividades acima e outras que foram omitidas, o Prof. Lyra Filho editou, além de inúmeros trabalhos publicados em periódicos, coletâneas e anais de congressos, as seguintes obras, entre outras: *Criminologia Dialética*; *A Criminogênese à Luz da Criminologia Dialética*; *Perspectivas Atuais da Criminologia*; *Panorama Atual da Criminologia*.

A obra escrita de Lyra Filho está merecendo os melhores elogios da crítica especializada internacional, já que várias de suas obras foram traduzidas e editadas em outras línguas, como inglês, francês, italiano e espanhol, fazendo deste autor um dos maiores nomes do mundo do Direito.

Luigi Bagolini, da Universidade de Bolonha (Itália), por exemplo, assim se refere ao autor: "Io vedo in Roberto Lyra Filho un giurista è un profondo filosofo e un giurista che sia un profondo filosofo è anche un profondo giurista."

Segundo Roger Bastide, de Paris, "Roberto Lyra-Filho a j'été les fondements d'une criminologie dialectique... ouvrage si riche et si plein de suggestions..."

Por outro lado, o Prof. Lloyd Ohlin, da Universidade de Harvard, Estados Unidos, afirma: "Your conception of a dialectical criminology is far more comprehensive and explicitly grounded in philosophical studies than Cloward and I were attempting. You have, however, more clearly understood what we were about than perhaps we ourselves did at the time".

## TEATRO

### 119 ANOS DE TEATRO EM BLUMENAU

Edith Kormann

Quando René Maheu, Diretor Geral da UNESCO, em 1966, referindo-se ao Dia Internacional do Teatro, que transcorre no dia 25 de março, disse entre outras palavras do seu discurso: "EU TE SAUDO EM TI, TEATRO, O SONHO UNIVERSAL" e mais adiante: "A Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura, se honra em testemunhar, por sua homenagem, a grandeza, a universalidade e a eterna juventude viajora; mecânicos da poesia, eu vos apresento, em nome da Organização, a gratidão do público. Possai vos, de nossa

parte, merecer constantemente sua estima e seu afeto, possai vos não esquecer jamais a dignidade de Vossa arte, Vos, a quem é dado o temível poder de fazer rir e chorar juntos os HOMENS!"

A maravilhosa arte de "fazer rir e chorar juntos os homens", implantou-se em Blumenau em 1859, oficializando-se no dia 24 de junho de 1860 nas pessoas das senhoras: Roese Gaertner, Meyer, Gloeden, Ida Peters e Von Hartenthal; senhoritas: Clara e Marie Breithaupt, Clara Schreep, Meta Friedenreich, Wende-

burg; senhores: Hartenthal, Krause, Ruediger, Heinrich Froehner, Blomeyer, C. Schmidt, Alfred Beims, Otto Freygang, Ernst Haertel, Leopold Hoeschl, Theodor Lueders, Schott e Paul Schwarzer. O nosso obrigada, em nome da nossa comunidade, por nos ter legado, além do Teatro "Carlos Gomes", o gosto pela arte que lembra que o homem é ação e que agir é crer. A arte, que ao contrário de outras, não é uma coleção de solidões individuais mas uma comunidade que transcende as divisões de fronteiras, sociedade e mesmo da cultura.